



INFINITUM
ISSN: 2595-9549

Vol. 7, n. 14, 2024, 185 - 205

DOI: <https://doi.org/10.18764/2595-9549v7n14.2024.25>

AS CRÔNICAS DE NÁRNIA:

um paralelo das características e personagens da religião cristã presentes
na obra *O leão, a feiticeira e o guarda-roupa*, de Clive Staples Lewis

Lázaro Sávio Torres Silva

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: saviotorres442@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0009-0001-5840-4222>

Douglas Rodrigues de Sousa

Instituição: Universidade Estadual do Maranhão

E-mail: doug.rsousa@gmail.com

ORCID: <https://orcid.org/0000-0003-3109-8074>

Resumo: Clive Staples Lewis foi um notável escritor irlandês, responsável por produzir obras literárias com caráter ficcional e teológico; o sucesso de seus livros fez com que algumas destas obras rompessem os livros e fossem adaptadas para o audiovisual, é o caso das *Crônicas de Nárnia*. Apesar de vários escritos com teor teológico, Lewis tornou-se amplamente conhecido como o criador de *Nárnia*, uma série de sete livros fictícios que exploram um mundo paralelo ao nosso. O sucesso de *As Crônicas de Nárnia* levou essas obras a serem traduzidas para mais de 41 países. Com base na trajetória de vida e nas influências de Clive Staples Lewis, este trabalho busca identificar características, símbolos e personagens da religião cristã, especialmente do Novo Testamento, presentes na obra de fantasia *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, escrita por Lewis. Considerando a intertextualidade na literatura, este artigo foi desenvolvido por meio de uma pesquisa bibliográfica, traçando um paralelo entre os personagens e aspectos da obra de Lewis e a religião cristã. Por meio da análise de trechos selecionados, exemplificam-se as relações, características e personagens que inspiram a narrativa de *Nárnia*. Como referencial teórico, foram utilizados Jung, C.G. (2002) e Jenny (1999), além de dissertações, artigos e outros trabalhos acadêmicos sobre o tema.

Palavras-chaves: C.S. Lewis; *O leão a feiticeira e o Guarda-roupa*; Religião Cristã.



THE CHRONICLES OF NARNIA:

a parallel of the characteristics and characters of the Christian religion presented in the work *The lion, the witch and the wardrobe*, by Clive Staples Lewis

Abstract: Clive Staples Lewis was a notable Irish writer, responsible for producing literary works of a fictional and theological nature; the success of his books meant that some of these works broke with the books and were adapted for the audiovisual world, as is the case with the Chronicles of Narnia. Despite his many theological writings, Lewis became widely known as the creator of Narnia, a series of seven fictional books that explore a world parallel to our own. The success of The Chronicles of Narnia led to these works being translated into more than 41 countries. Based on the life trajectory and influences of Clive Staples Lewis, this paper seeks to identify characteristics, symbols and characters from the Christian religion, especially from the New Testament, present in the fantasy work *The Lion, the Witch and the Wardrobe*, written by Lewis. Considering intertextuality in literature, this article was developed through bibliographical research, drawing a parallel between the characters and aspects of Lewis' work and the Christian religion. Through the analysis of selected passages, the relationships, characteristics and characters that inspire the Narnia narrative are exemplified. Jung, C.G. (2002) and Jenny (1999) were used as theoretical references, as well as dissertations, articles and other academic works on the subject.

Keywords: C.S. Lewis; *The Lion, the Witch and the Wardrobe*; Christian religion.

LAS CRÓNICAS DE NARNIA:

un paralelo de las características y personajes de la religión cristiana presentes en la obra *El león, la bruja y el armario*, de Clive Staples Lewis

Resumen: Clive Staples Lewis fue un notable escritor irlandés, responsable de obras literarias de ficción y teología; el éxito de sus libros hizo que algunas de estas obras salieran de los libros y fueran adaptadas al mundo audiovisual, como es el caso de las Crónicas de Narnia. A pesar de sus numerosos escritos teológicos, Lewis se hizo ampliamente conocido como el creador de Narnia, una serie de siete libros de ficción que exploran un mundo paralelo al nuestro. El éxito de Las crónicas de Narnia hizo que estas obras se tradujeran a más de 41 países. A partir de la trayectoria vital y las influencias de Clive Staples Lewis, este trabajo pretende identificar características, símbolos y personajes de la religión cristiana, especialmente del Nuevo Testamento, presentes en la obra de fantasía *El león, la bruja y el armario*, escrita por Lewis. Considerando la intertextualidad en la literatura, este artículo se desarrolló a través de una investigación bibliográfica, trazando paralelismos entre los personajes y aspectos de la obra de Lewis y la religión cristiana. Mediante el análisis de pasajes seleccionados, se ejemplifican las relaciones, características y personajes que inspiran la narrativa de Narnia. Como referencias teóricas se utilizaron



Jung, C.G. (2002) y Jenny (1999), así como disertaciones, artículos y otros trabajos académicos sobre el tema.

Palabras clave: C.S. Lewis; El león, la bruja y el armario; religión Cristiana.

INTRODUÇÃO

A literatura fantástica, especialmente a infantojuvenil, passou por diversas transformações nos últimos dois séculos. Clive Staples Lewis, autor do século passado, foi um dos pioneiros nessa nova forma de escrita. Lewis utiliza intertextos, símbolos e até enredos religiosos para construir um mundo alternativo. O best-seller de Lewis, "As Crônicas de Nárnia", apresenta uma narrativa cronológica com temas como criação, morte, redenção e consumação.

Este artigo analisará o simbolismo cristão presente no primeiro livro narniano de Lewis, *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, e, sempre que necessário, recorrerá a outras obras do autor para contextualizar. A intertextualidade dos textos religiosos de Lewis não é necessariamente consistente, pois certos personagens podem referir-se a diferentes figuras do Novo Testamento. Este artigo serve como uma pequena contribuição ao estudo da literatura fantástica e à influência de autores contemporâneos no gênero.

Este artigo tem como objetivo analisar as relações intertextuais na obra fictícia de Clive Staples Lewis, com foco nos temas, características, personagens e cenas que inspiraram a narrativa narniana. A pesquisa busca expor o mundo ficcional de Nárnia e compará-lo com textos bíblicos do Novo e do Antigo Testamento, sempre que possível.

A análise utiliza uma bibliografia heterogênea, incluindo diversos autores, fantasias, biografias e trabalhos acadêmicos. A pesquisa emprega métodos tanto digitais quanto físicos, como o catálogo de teses e dissertações da CAPES, sites de domínio público, revistas online, livros físicos e e-books.



Sobre a narrativa do texto

Quatro crianças são levadas para uma casa de campo a fim de serem protegidas da guerra que cresce em escala no ambiente urbano. Trata-se de uma casa tradicional, com amplos cômodos e portas antigas. Certo dia, uma das crianças, Lúcia, a irmã caçula, se encanta com um dos móveis da casa, um guarda-roupa, que serve de portal entre o mundo humano e o mundo de Nárnia.

Ao chegar em Nárnia, Lúcia se depara com um clima frio e nevado e, logo de início, encontra um fauno, o Sr. Tumnus. Trata-se de um fauno gentil e cordial que leva Lúcia para sua casa e conta a história de Nárnia, Aslam e da Feiticeira Branca. O Sr. Tumnus, triste e cabisbaixo, revela a Lúcia que recebeu ordem da feiticeira para levar até ela o primeiro humano que chegasse a Nárnia; contudo, ele não obedeceu tais ordens. Lúcia percebe que já está ali há algum tempo e pede para voltar ao seu mundo; o fauno prontamente a atende. Quando a criança retorna ao seu mundo, seu primeiro ato é contar aos irmãos tudo o que viu, mas, para sua surpresa, eles não acreditam.

Certo dia, Lúcia entra novamente no guarda-roupa e retorna a Nárnia, desta vez acompanhada do seu irmão, Edmundo. A Feiticeira Branca encontra o jovem garoto, alimenta-o com comida encantada e pede que ele leve seus outros irmãos até seu castelo; ambos se despedem. Lúcia reencontra seu irmão e ambos voltam para casa. Lúcia, ansiosa para contar novamente sobre Nárnia a Pedro e Susana, espera que desta vez eles acreditem, já que Edmundo poderia confirmar sua história. Para sua surpresa, fúria e decepção, Edmundo nega tudo.

Depois de ouvirem novamente Lúcia falar de Nárnia, Pedro e Susana perguntam a Edmundo se aquilo era verdade. Edmundo nega e diz que não passa de uma brincadeira entre ele e sua irmã, onde ambos imaginam um mundo fictício habitado por faunos e outras criaturas. A decepção de Lúcia com seu irmão é evidente, pois ela não entende o motivo de ele agir daquela forma. A verdade é que Edmundo,



com sua personalidade forte, não admite que sua irmã esteja certa. Confirmar os fatos provaria que, desde o início, Lúcia estava dizendo a verdade.

Inicialmente, Pedro e Susana acham que sua irmã caçula está louca ou mentindo, por isso decidem contar tudo ao velho professor, dono da casa onde estão hospedados. O professor logo indaga os dois sobre quem passa mais confiança, e ambos respondem que Lúcia, já que ela não tem o hábito de mentir. As respostas do professor causam espanto nos dois, pois desde o início ele demonstra acreditar em Nárnia, não excluindo a possibilidade de existir um mundo como o que Lúcia descreveu.

Passados alguns dias, com o intuito de se esconderem de uma senhora que trabalha como guia na casa (a casa, por ser antiquíssima, serve como ponto turístico e recebe alguns visitantes), as quatro crianças acabam entrando no quarto e, logo em seguida, no guarda-roupa. Sim, Lúcia tinha razão: Nárnia existia e seus irmãos se desculpam por duvidarem dela.

Depois de irem até a caverna do Sr. Tumnus e perceberem que sua casa foi destruída (Sr. Tumnus havia cometido um crime de alta traição por não ter levado Lúcia até a feiticeira, sendo capturado por isso), eles são guiados até uma toca de castores, onde jantam. Horas depois, percebem que Edmund não está entre eles. Edmund havia caminhado em busca do castelo da feiticeira, conforme combinado no encontro entre os dois, mas não estava levando seus irmãos, o que desagradou a bruxa que acabou prendendo a criança.

Edmundo é libertado apenas quando Aslam surge, fechando um acordo em troca de sua liberdade. Aslam, o criador de Nárnia, é admirado por todos, exceto pela feiticeira e seus súditos. Parte do acordo envolve que Aslam seja morto em troca da liberdade de Edmund, e assim é feito. O leão é morto em um ritual encabeçado pela feiticeira e seus subordinados, mas uma das leis de Nárnia faz Aslam ressurgir: se uma vítima inocente de traição for executada voluntariamente no lugar de um traidor, a



mesa de pedra se quebrará e a própria morte começará a andar para trás (Lewis, 2009, p. 175).

O leão e as duas irmãs partem para ajudar as demais criaturas narnianas no confronto que está prestes a acontecer contra a feiticeira e suas tropas. Travada uma sangrenta batalha, a feiticeira é derrotada, e as quatro crianças são coroadas reis e rainhas de Nárnia, título que carregam para sempre. Passados alguns anos, já crescidos, os reis e rainhas se deparam com o lampião de luz e o caminho que os levou a Nárnia. Decidem caminhar até lá quando, de repente, estão de volta, fora do guarda-roupa, na mesma idade em que entraram, já que o tempo passa de maneira diferente em Nárnia. Todos contam a aventura ao velho professor, que afirma que um dia eles voltarão para lá, mas de outra forma, não mais pelo guarda-roupa. Esta passagem evidencia características que viriam a fazer parte dos livros seguintes de Lewis.

A criação de Nárnia e o livro do Gênesis

Para compreender o surgimento de Nárnia, é necessário saltar a obra aqui analisada e migrar para o primeiro livro da série (seguindo a ordem ficcional da narrativa). O livro em questão é *O Sobrinho do Mago*, onde Lewis se dedica a explicar a origem de seu universo fantástico.

Neste livro, Lewis explora temas de criação e origem que têm paralelos claros com narrativas bíblicas, especialmente com o primeiro capítulo do Gênesis, escrito por Moisés. *O Sobrinho do Mago* apresenta a criação de Nárnia por Aslam, o grande leão, cuja canção traz à existência um mundo vibrante e cheio de vida. Este ato criativo ressoa com a narrativa bíblica onde Deus cria o mundo por meio de Sua palavra.

Ao comparar os elementos de *O Sobrinho do Mago* com o Gênesis, vemos como Lewis entrelaça a mitologia cristã com sua própria construção de mundo, trazendo profundidade e um senso de familiaridade espiritual ao leitor. A canção de Aslam, por exemplo, não apenas cria a geografia e os seres vivos de Nárnia, mas também infunde



o mundo com uma ordem moral e propósito, refletindo a intenção divina na narrativa bíblica.

Esta análise intertextual revela as camadas de simbolismo e significado que Lewis emprega para enriquecer sua narrativa, tornando a saga de Nárnia não apenas uma aventura de fantasia, mas também uma exploração das grandes questões sobre origem, propósito e moralidade que ocupam a literatura religiosa.

Como podemos ler na passagem:

Deus disse: —Produza a terra plantas, ervas que contenham semente e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie e o fruto contenha a sua semente. E assim foi feito (BÍBLIA, Gênesis 1, 10-11).

A terra produziu plantas, ervas que contêm semente segundo a sua espécie, e árvores que produzem fruto segundo a sua espécie, contendo o fruto a sua semente. E Deus viu que isso era bom (Bíblia, Gênesis 1, 12).

Se no Gênesis a figura do criador não é visível, sendo expresso apenas por sua voz imperativa, na obra de Lewis a presença do criador é manifestada fisicamente. Em *O Sobrinho do Mago*, Aslam, o grande leão, não é apenas uma voz que dá forma ao mundo, mas uma entidade corpórea que materializa o universo de Nárnia à medida que caminha. Por meio de sua presença majestosa e de sua canção poderosa, Aslam traz à existência um mundo vibrante e dinâmico, moldando a paisagem e os seres vivos ao seu redor.

Enquanto no Gênesis a criação é descrita como um processo que ocorre por meio da palavra divina, na obra de Lewis, a materialização do mundo é acompanhada pela figura física de Aslam, que incorpora a autoridade e a força criativa. O leão, com sua grandiosidade e poder, se torna um símbolo tangível da criação e da ordem no mundo de Nárnia, proporcionando uma imagem concreta e visível do processo criativo que, no contexto bíblico, é mais abstrato e imaterial:

O Leão andava de um lado para o outro na terra nua, cantando a nova canção... À medida que caminhava e cantava, o vale ia ficando verde de capim... Em poucos minutos deslizava pelas vertentes mais baixas das montanhas distantes, suavizando cada vez mais aquele mundo novo (Lewis, 2002, p. 59).



E surgiam outras coisas além da relva. As mais altas encostas iam ficando escuras de urzes... uma coisinha espigada que ia lançando braços para os lados, e os braços se cobriam de verde e iam ficando maiores a uma grande velocidade... - São árvores! - Exclamou. (Ibid)

Por tratar-se de uma obra de ficção, assim como outras milhares de obras na literatura, Nárnia não tinha nenhuma necessidade biográfica, porém Lewis tratou de dar causa à narrativa, com uma sequência de bens naturais criados um por um, das relvas às árvores. Se Deus disse:

Produza a terra plantas, ervas que contenham semente e árvores frutíferas que dêem fruto segundo a sua espécie e o fruto contenha a sua semente. E assim foi feito (BÍBLIA, Gênesis 1, 10-11)

A terra produziu plantas, ervas que contêm semente segundo a sua espécie, e árvores que produzem fruto segundo a sua espécie, contendo o fruto a sua semente. E Deus viu que isso era bom (Bíblia, Gênesis 1, 12).

Aslam diz: "—Nárnia, Nárnia, desperte! - Nárnia, Nárnia, desperte! Ame! Pense! Fale! Que as árvores caminhem! Que os animais falem! Que as águas sejam divinas!" (Lewis, 2002, p. 64).

Além de adotar um processo de criação semelhante ao descrito em Gênesis para dar vida a Nárnia, Lewis também se inspira na escolha de Noé durante o dilúvio, quando ele selecionou dois pares de cada espécie (Bíblia, Gênesis 6, 19). Contudo, ao contrário de Noé, que recebeu a responsabilidade de preservar os animais através de uma ação delegada, Aslam não confia essa tarefa a terceiros. Como o próprio mediador de Nárnia, Aslam realiza pessoalmente a seleção dos animais: "Escolhia dois castores dentre todos os castores; dois leopardos dentre todos os outros; e deixava os demais" (Lewis, 2002, p. 64).

Edmundo, Pedro, Susana e Lúcia: Filhos e filhas de Adão

Assim como indicado neste subtítulo, os termos "filhos de Adão" e "filhas de Eva" são usados com frequência em *As Crônicas de Nárnia* para se referir aos humanos



que chegaram a Nárnia. Aslam, o leão, usa a expressão "filhos de Adão" para se referir aos homens e "filhas de Eva" para se referir às mulheres.

O Leão voltou a falar, mas não para Digory.

– Vejam só, companheiros: antes que o mundo limpo e novo que lhes dei tivesse sete horas de vida, a força do Mal já o invadiu; despertada e trazida até aqui por este Filho de Adão (Lewis, 2009, p. 175).

– Filho de Adão, está disposto a desfazer o mal que fez ao meu manso país de Nárnia no dia de seu próprio nascimento? (Lewis, 2009, p.182).

– Que estão as duas Filhas de Eva cochichando aí? – Perguntou Aslam, voltando-se subitamente para Polly e para a mulher do cocheiro, que ia eram muito amigas (Lewis, 2009, p. 188).

As três citações acima são trechos extraídos de *O Sobrinho do Mago*, onde Nárnia recebe a visita dos primeiros humanos. A utilização dos termos pelo leão sugere que ele está ciente da história de outro mundo paralelo a Nárnia, que, neste caso, é a Terra. É na Terra que se desenvolve a narrativa de Adão e Eva, que, segundo a literatura religiosa, são os primeiros pais da humanidade: “Adão pôs à sua mulher o nome de Eva, porque ela era a mãe de todos os viventes” (Bíblia, Gênesis 3, 20). Isso explica por que Aslam se refere a "este filho de Adão" em Lewis (2009, p. 175) e a "as duas filhas de Eva" em Lewis (2009, p. 188).

Os termos são mencionados novamente, porém, dessa vez, em *O leão, a feiticeira e o Guarda-roupa*; o diálogo acontece quando Lúcia, a filha caçula dentre os quatro irmãos, chega a Nárnia pela primeira vez e, um dos habitantes, um fauno, interpela-a:

– Boa noite – disse Lúcia. Mas o fauno estava tão ocupado em apanhar os embrulhos que nem respondeu. Quando terminou, fez-lhe uma ligeira reverência:

– Boa noite, boa noite. Desculpe, não quero bancar o intrometido, mas **você é uma Filha de Eva? Ou estou enganado?**

– Meu nome é Lúcia – disse ela, sem entender direito.

– Mas você é, desculpe, o que chamam de menina?

– Claro que sou uma menina – respondeu Lúcia.

– Então é de fato humana?

– Evidente que sou humana! - Disse Lúcia, bastante admirada.

– É claro, é claro – disse o fauno. - Que besteira a minha! Mas **eu nunca tinha visto um Filho de Adão ou uma Filha de Eva.** Estou encantado (Lewis. 2009. p. 107), grifo nosso

Em uma antiga homilia sobre o Sábado Santo, Adão é referido como “nosso primeiro pai”: “A terra estremeceu e ficou silenciosa, porque Deus adormeceu segundo a carne e despertou os que dormiam há séculos [...]. Vai à procura de Adão, nosso primeiro pai, a ovelha perdida” (Antiga Homilia para o Sábado Santo: PG 43. 440.452.461 [Sábado Santo, 2ª Leitura do Ofício de Leituras: Liturgia das Horas, s. 2]). Isso indica que, além de Aslam, os habitantes de Nárnia também possuem consciência e fazem referência ao patriarca da humanidade ao se depararem com um ser humano.

Edmundo e o arquétipo do pecador

Edmundo, o irmão mais novo de Pedro, é, sem dúvida, o personagem com maior poder alegórico da narrativa narniana, após Aslam. Embora suas falas não tenham uma ligação direta com o texto bíblico, seu perfil e enredo são fundamentais para o desenvolvimento da trama e para que o Leão cumpra seu papel salvífico. A missão de Aslam para salvar Nárnia do mal começa quando Edmundo consome o manjar turco oferecido pela Feiticeira Branca. Este alimento encantado aumenta continuamente seu desejo, como ilustrado na seguinte citação:

“[...] e Edmundo olhava fixamente para a caixa vazia, ansioso para que a rainha lhe perguntasse se ainda queria mais. Ela sabia muito bem o que ele estava pensando. E, melhor ainda, sabia que o manjar turco estava encantado: quem o provasse, ficaria sempre querendo mais e chegaria a comer, comer, até estourar” (Lewis, 2009, p. 117).

A queda do homem no Antigo Testamento ocorre imediatamente após o consumo do fruto proibido, enquanto a queda de Edmundo em Nárnia inicia-se quando o jovem garoto come o manjar turco, o que intensifica seu desejo e o leva até o Castelo da Feiticeira. Edmundo carrega consigo a culpa e a necessidade de redenção, refletindo a condição da humanidade que necessita de salvação. Assim como Jesus Cristo morre pela salvação e redenção da humanidade (Bíblia, I Coríntios 15, 3-4), Edmundo representa a humanidade em sua busca por salvação.

Quando comparamos a história de Lewis com o texto bíblico, observamos uma cooperação e sinergia entre Edmundo e a humanidade, assim como entre Aslam e a figura de Deus, seja como Filho ou, em outros momentos, como Pai.

Aslam e o arquétipo salvífico

Segundo C.G. Jung (2002), o arquétipo é uma imagem universal que pertence à humanidade como um todo, e não apenas ao indivíduo (p. 162). Pode ser encontrado tanto na realidade quanto na ficção, manifestando-se em figuras como o super-herói das HQs e o policial honesto, assim como no vilão de um desenho animado e o político corrupto.

Aslam encarna a esperança e a expectativa associadas aos super-heróis dos quadrinhos, despertando medo em seus inimigos e respeito daqueles que o observam. Apesar dessas características heróicas, Aslam é fundamentado na figura e na passagem de Cristo, ainda que de forma velada, com foco em sua morte e ressurreição. McGrath (2014) argumenta que:

“No entanto, embora não possamos simplesmente identificar Aslam com Cristo, Lewis claramente pretendia que víssemos uma relação entre eles. Aslam nos ajuda a refletir sobre Jesus Cristo, envolvendo nossa imaginação e razão; Lewis não nos diz como Cristo é, mas nos mostra como Aslam é, permitindo-nos tirar nossas próprias conclusões” (Mcgrath, 2014, p. 87).

Como foi exposto, Aslam desempenha um papel fundamental em *O Sobrinho do Mago*, o primeiro livro segundo a ordem cronológica de Nárnia. No *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, a função redentora de Aslam é igualmente significativa, posicionando-o como o arquétipo de salvador, semelhante à figura de Jesus Cristo. Em passagens bíblicas como 1 Timóteo 1, 15 — “Eis uma verdade absolutamente certa e merecedora de fé: Jesus Cristo veio a este mundo para salvar os pecadores, dos quais sou eu o primeiro” — e também em Éféios 2, 8-9, a ideia de redenção é central.



No trecho a seguir, observa-se claramente a referência ao leão como uma das pessoas da Trindade Santa. Aslam desempenha, de forma evidente, o papel do Filho:

– E ele é um homem? – Perguntou Lúcia.
– Aslam, um homem! – Disse o Sr. Castor, muito sério. – Não, não. Não lhes disse eu que ele é o *Rei dos Bosques, filho do grande Imperador de Além Mar*? Então não sabem quem é o rei dos animais? Aslam é um leão... o Leão, o grande Leão! (Lewis, 2013).

A resposta do Castor, que atribui a Aslam o papel de Filho do Grande Imperador de Além-Mar, é análoga à descrição de Jesus como o Filho de Deus em João 20, 31: “[...] para que creiais que Jesus é o Cristo, o Filho de Deus [...]” (Bíblia, 2012). Embora outros trechos dos evangelhos mencionem Jesus como o Filho de Deus, a referência ao papel de Aslam como Filho do Grande Imperador é suficiente para estabelecer a conexão desejada, sem a necessidade de citar todas as passagens do Novo Testamento.

Assim como Cristo exerce o papel de Salvador e Redentor, Aslam também carrega essas características em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*. Quando Lúcia pergunta ao Sr. Tumnus sobre a Feiticeira Branca, ele responde: “- Ora, é quem manda na terra de Nárnia. Por causa dela, aqui é sempre inverno. Sempre inverno e nunca Natal” (Lewis, 2009). O ambiente sombrio e gelado de Nárnia reflete as consequências do pecado original descrito no Gênesis, onde o homem enfrenta um mundo de dificuldades após o consumo do fruto proibido. Este período de inverno, que contrasta com a primavera e a era dourada descrita em outros livros das crônicas, simboliza a melancolia e a escuridão do tempo de Nárnia.

Lucas descreve que Jesus veio salvar o que estava perdido (Bíblia, Lucas 19, 10). Quando uma das crianças expressa preocupação com o bem-estar de Aslam, o Sr. Castor responde: “Não, não, ele vem botar tudo nos eixos” (Lewis, 2009). O Castor continua citando um poema de Nárnia: “Assim diz um velho poema que costumamos cantar: O mal será bem quando Aslam chegar, ao seu rugido, a dor fugirá, nos seus dentes, o inverno morrerá, na sua juba, a flor há de voltar” (Idem).



As semelhanças messiânicas entre Aslam e Jesus Cristo são evidentes no papel redentor que ambos desempenham. No entanto, as figuras se diferenciam em seus respectivos mundos. Aslam é uma figura conhecida e reverenciada em Nárnia, com um sentimento saudosista associado a ele. Em contraste, embora houvesse uma expectativa do Messias, muitos, incluindo os judeus, não esperavam que o Messias fosse um homem nascido em uma manjedoura.

O simbolismo também aproxima Aslam de Jesus: o Leão é um símbolo de força e poder no Antigo Testamento, representando o animal mais imponente (Bíblia, Juízes 14, 18; Provérbios 28, 1; 1 Reis 10, 19-20; Provérbios 30, 29-31). Apesar das características salvíficas atribuídas ao Leão, Botelho (2005) observa que:

A visão não dualista do bem e do mal nas Crônicas de Nárnia torna a figura do leão Aslam ainda mais misteriosa. Assim, ao se fazer a análise do diálogo estabelecido entre os contos de Lewis e a Bíblia é relevante o fato de que na Bíblia a figura do leão é usada tanto para descrever Cristo, como em Apocalipse 5:5, quanto para descrever o diabo, como em I Pedro 5,8 (Botelho, 2005, p. 5).

O papel redentor desempenhado por Aslam torna-se mais evidente quando se observa o ritual que culmina em sua morte, refletindo, em muitos aspectos, a caminhada de Jesus até o Calvário. Após uma reunião prolongada entre Aslam e a Feiticeira Branca, na qual discutiram a liberdade de Edmundo, decidiu-se que o garoto seria libertado, mas Aslam deveria sofrer a pena que originalmente seria imposta a Edmundo — Aslam seria sacrificado.

Na noite seguinte à libertação de Edmundo, Lúcia e Susana, preocupadas com Aslam, decidiram procurá-lo. Encontraram-no caminhando em direção ao bosque, afastado do acampamento (Lewis, 2009, p. 168). Ao perceber que estava sendo seguido, Aslam permitiu que as garotas o acompanhassem, com a condição de que, quando chegasse um certo ponto, elas deveriam deixá-lo prosseguir sozinho. Aslam, cabisbaixo e sem sua habitual imponência, avançava com a cabeça tão baixa que seu nariz quase tocava o chão (Lewis, 2009, p. 169).



Susana perguntou se o Leão estava doente, e Aslam respondeu: “Não. Estou triste. Estou só. Ponham as mãos na minha juba, para que eu sinta que vocês estão aqui, e caminhemos assim” (Lewis, 2009, p. 169). Embora Aslam fosse o criador de Nárnia e não precisasse da companhia de nenhum ser vivo, seu pedido para que tocassem sua juba revela seu desejo de lembrar do seu propósito e do motivo de seu sacrifício iminente.

A mesa de Pedra e o Calvário

Após a chegada de Aslam à Mesa de Pedra, local destinado ao seu sacrifício, o ambiente que se apresenta é inóspito e aterrorizante. Uma imensa multidão está reunida em torno da Mesa de Pedra, com o luar iluminando a cena, mas muitos carregam tochas cujas chamas vermelhas e fumos negros intensificam a atmosfera sinistra:

“Que bicharada! Ogres de dentes monstruosos! Lobos! Homens com cabeça de touro! Espíritos de árvores más e de plantas venenosas! Não falo de outros seres porque, se fizesse isso, as pessoas adultas não o deixariam ler este livro: vulpinos, bruxas, íncubos, fúrias horrores, espectros, sátiros, lobisomens... Estavam ali todos os que eram do partido da feiticeira, convocados pelo lobo” (Lewis, 2009, p. 169-170).

Esse cenário é um reflexo sombrio e caótico, que contrasta com a atmosfera da crucificação de Jesus. Quando Jesus caminha em direção ao Calvário, o cenário é igualmente repleto de hostilidade. A multidão observa e os príncipes dos sacerdotes zombam dele: “Salvou a outros, que se salve a si próprio, se é o Cristo, o escolhido de Deus!” (Lucas 23, 35). Lewis adapta a figura dos sacerdotes e soldados romanos para o universo de Nárnia, transformando-os em lobisomens, ogres, e espíritos malignos. Na narrativa de Nárnia, a Mesa de Pedra substitui o Calvário como local de sacrifício. O local onde Aslam é amarrado e sacrificado é descrito com um tom de gravidade e



desolação: “Logo que acabaram de amarrar Aslam à Mesa de Pedra (mas tão amarrado que mais parecia um novelo), fez silêncio” (Lewis, 2009, p. 170).

Lewis usa o contexto da crucificação de forma adaptada para o cenário fictício de Nárnia, mantendo a essência da cena de sofrimento e sacrifício. A chegada de Aslam ao local de sua morte é marcada por uma série de gritos e ordens desesperadas da Feiticeira Branca: “O louco! O louco está chegando! Amarrem bem o louco!”; “Amarrem o louco, já disse!”; “Amordacem-no!” (Lewis, 2009, p. 170).

Estes gritos ecoam o clamor da multidão que exige a crucificação de Jesus: “Quando os pontífices e os guardas o viram, gritaram: Crucifica-o! Crucifica-o!” (João 19, 6). A Feiticeira Branca, portanto, assume um papel semelhante ao dos sacerdotes e guardas romanos, centralizando o antagonismo e a crueldade que cercam o momento do sacrifício. A adaptação feita por Lewis não apenas preserva o simbolismo do sacrifício, mas também transforma os elementos da crucificação cristã em uma representação ficcional rica em imaginação, mantendo, no entanto, a essência do sacrifício redentor e a luta entre o bem e o mal.

A cena no livro de Lewis é uma recriação simbólica e dramática do ato de sacrifício, utilizando elementos visuais e narrativos que remetem à crucificação de Jesus, porém, inseridos em um contexto fantástico que amplia a compreensão do sacrifício redentor. A narrativa de Lewis mantém a conexão com a história cristã ao mesmo tempo em que a transporta para o universo de Nárnia, criando uma rica camada de simbolismo e alegoria.

A juba do leão e a coroa de espinhos

No ambiente popular, a juba de um leão carrega significados de imponência, superioridade e realeza. A imagem de um leão sem sua juba é difícil de imaginar, pois essa característica é crucial para sua identidade e simbolismo. No ritual de sacrifício de Aslam, o primeiro ato não envolve violência física direta, mas sim a remoção de sua



juba, um ato que carrega um profundo significado de humilhação para o Leão. O narrador descreve: “Deitaram o Leão de costas. Amarraram-lhe as quatro patas, gritando e dando vivas, como se tivessem cometido um ato de bravura” (Lewis, 2009, p. 170). A Feiticeira Branca ordena: “- Alto! - disse a Feiticeira. - Primeiro, cortem-lhe a juba!” “...Zip, zip, zip – a tesoura rangia, e montes de caracóis dourados tombavam ao chão” (Lewis, 2009, p. 170). A ordem da Feiticeira revela a intenção de remover qualquer símbolo de realeza do Leão, sublinhando o caráter humilhante do ato.

Na crucificação, a humilhação não estava necessariamente na remoção de algo físico, mas na adição de um objeto ao corpo do condenado. No caso de Cristo, a coroa de espinhos foi colocada como um símbolo de “falso mestre, falso Rei.” Fábio Tucci Farah, fundador do Departamento de Arqueologia Sacra da Academia Brasileira de Hagiologia (ABRHAGI), sugere que a coroa foi inspirada nas tiaras e turbantes sacerdotais, refletindo a tentativa de humilhar Cristo como um Sumo Sacerdote:

“Como pesquisador, estou convencido de que os soldados se espelharam na tiara e no turbante sacerdotais para confeccionar a Coroa de Espinhos. E, portanto, Cristo foi crucificado como Sumo Sacerdote. No momento, estou analisando duas novas importantes evidências que ajudam a endossar essa hipótese” (Farah, 2020).

Para Aslam, a humilhação é simbolizada pela perda de sua juba, um atributo essencial de sua majestade e poder. Em contraste, para Cristo, a humilhação é expressa pela adição da coroa de espinhos, que enfatiza o escárnio e a zombaria.

Portanto, enquanto a narrativa de Lewis enfatiza a remoção de um símbolo de realeza como um ato de ultraje, o sofrimento de Jesus Cristo é representado pela adição de um objeto que serve para zombar e desrespeitar sua dignidade. Ambos os atos refletem a intenção de desumanizar e ridicularizar, mas o fazem de maneiras que se alinham com os contextos culturais e simbólicos de suas respectivas narrativas.

Figura 1: Aslam na mesa de pedra



Fonte: Google. Cena do filme *O leão, a feiticeira e o Guarda-roupa*

Figura 3: Jesus e a coroa de espinhos



Fonte: Caravaggio em TELA (1605)

Alguns personagens, como a Feiticeira Branca, carregam não apenas traços de Pilatos, mas também uma combinação de representações, incluindo o mal e os sumos sacerdotes presentes na crucificação. Sobre essa adaptação do texto, Jenny (1999, apud Resende, 2011) argumenta: "É, com efeito, bastante raro um texto literário ser recuperado e citado tal e qual. O novo contexto procura, em geral, uma apropriação triunfante do texto pressuposto..." Comentando a citação de Jenny, Resende (2011) observa que: "Em uma relação intertextual, nenhum texto permanece o mesmo ao ser usado em outra obra" (Resende, 2011, p. 127).

Morte e ressurreição

Um aspecto curioso da ressurreição de Aslam é que as primeiras pessoas a testemunharem o retorno do Leão foram duas mulheres: Lúcia e Susana. A Mesa de Pedra estava partida em duas por uma grande fenda, e de Aslam não havia sinal.

A Mesa de Pedra estava partida em duas por uma grande fenda, que ia de lado a lado. E de Aslam, nem sombra.

- Oh! Oh! Oh! – Gritaram as meninas, correndo para a mesa.

- Mas que coisa é essa? Ainda será magia?

- Magia, sim! – Disse uma voz forte, pertinho delas.

- Ainda é magia.

Olharam. Iluminado pelo sol nascente, maior do que antes, Aslam sacudia a juba (pelo visto, tinha voltado a crescer) (Lewis, 2009, p. 174).

Elas olharam e viram Aslam, iluminado pelo sol nascente, maior do que antes, sacudindo a juba (pelo visto, ela havia voltado a crescer) (Lewis, 2009, p. 174).

O fato de Lúcia e Susana serem as primeiras a testemunharem a ressurreição de Aslam reflete os relatos dos evangelistas Mateus, Marcos, Lucas e João, que descrevem mulheres como as primeiras a encontrar o túmulo vazio. O Evangelho segundo Mateus especifica que Maria Madalena e outra Maria chegaram cedo ao sepulcro: "Depois do sábado, quando amanhecia o primeiro dia da semana, Maria Madalena e a outra Maria foram ver o túmulo" (Bíblia, Mateus 28, 1). Os Evangelhos de Lucas e Marcos mencionam um número maior de mulheres, mas todos confirmam que foram mulheres as primeiras a relatar o túmulo vazio (Bíblia, Marcos 16, 1-6; Lucas 24, 1-6; João 20, 1).

Lewis explica a ressurreição de Aslam por meio do narrador. Quando Susana pergunta como isso foi possível, Aslam responde:

- Explico: a feiticeira pode conhecer a Magia profunda, mas não sabe que há uma magia ainda mais profunda. O que ela não sabe vai além da aurora do tempo. Mas, se tivesse sido capaz de ver um pouco mais longe, de penetrar na escuridão e no silêncio que reinam antes do tempo, teria aprendido outro sortilégio. Saber que, se uma vítima voluntária, inocente de traição, fosse executada no lugar de um traidor, a mesa estalaria e a própria morte começaria a andar para trás... (Lewis, 2009, p. 174).



Desse modo, a ressurreição de Aslam é concretizada pelo fato de um inocente ser executado sem culpa. Sob a ótica cristã, essa narrativa reflete o significado da morte de Jesus, que, segundo o cristianismo, morreu para a salvação e libertação da humanidade. Ele carregou uma cruz que, a princípio, não lhe pertencia (1 Coríntios 15, 3-4; Romanos 4, 24-25).

Considerações finais

Como observou McGrath (2013), Lewis não nos descreve como Jesus é; ele nos mostra como Aslam é, permitindo-nos tirar nossas próprias conclusões. O papel representativo de Aslam resulta da tipologia de caráter atribuída a ele e a outros personagens de Nárnia, criando um reflexo perceptível do mundo real que se torna facilmente identificável na ficção.

Comentando a ideia de Jung sobre contos de fadas liberando arquétipos que residem no inconsciente coletivo, Lewis observa que criaturas não humanas na literatura, como anões, gigantes e animais falantes, servem como "hieróglifos admiráveis" que transmitem psicologia e tipologia de caráter de forma mais sucinta do que um romance.

Além dos traços de caráter observados em *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa*, outro aspecto que aproxima a obra de Lewis do cristianismo é sua biografia. Após sua conversão ao cristianismo, especificamente à denominação Anglicana, Lewis adotou conceitos fundamentais da fé cristã, como a Trindade e a Ressurreição. Estes conceitos moldaram seu caráter e, por conseguinte, influenciaram sua escrita. Em seu texto *Três Maneiras de Escrever para Crianças*, Lewis comenta: "A única moral que vale alguma coisa é a que brota inevitavelmente de toda a estrutura de caráter do autor. Aliás, tudo na história deve brotar da estrutura de caráter do autor."

No entanto, seria reduutivo atribuir o sucesso de *O Leão, a Feiticeira e o Guarda-Roupa* e das demais crônicas de Nárnia apenas ao caráter de seus personagens. Embora



voltadas para um público infantil, as crônicas de Lewis atraíram leitores de todas as idades e crenças. Portanto, atribuir o sucesso da obra apenas ao caráter dos personagens seria desconsiderar o talento de Lewis como escritor, que brilhantemente cativou diversos públicos com sua escrita. Como ele mesmo enfatizou: “Uma história para crianças de que só as crianças gostam é uma história ruim.”

Referências

- BÍBLIA. Português. **Bíblia Ave Maria**. Edição Claretiana. São Paulo, 2012.
- BOTELHO, Raquel Lima. **A Intertextualidade Bíblica nas Crônicas de Nárnia de C.S. Lewis**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade Presbiteriana Mackenzie, São Paulo, 2005.
- JUNG, C.G. **Os arquétipos e o inconsciente coletivo**. 2^o ed., Editora Vozes: Petrópolis, 2002.
- LEWIS, Clive Staples. **O sobrinho do mago**. Martins Fontes: São Paulo, 2002.
- LEWIS, Clive Staples. **As crônicas de Nárnia: O Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa**. Tradução de Paulo Mendes Campos. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- LEWIS, Clive Staples. **O Príncipe Caspian**. 1 ed. WMF Martins Fontes: São Paulo, 2015.
- LEWIS, Clive Staples. **Surpreendido pela alegria**. 1^o ed. Thomas Nelson Brasil: Rio de Janeiro, 2021.
- LEWIS, Clive Staples. **Três maneiras de escrever para crianças**. In: As crônicas de Nárnia. Volume Único. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2009.
- LIMA, Cleidimar Fernandes. **O simbolismo religioso no filme As crônicas de Nárnia – o Leão, a Feiticeira e o Guarda-roupa, baseado na obra de Clive Staples Lewis**. Dissertação (Mestrado em Letras) Universidade de Santa Cruz do Sul, 2020.
- MCGRATH, Alister. **A vida de C. S. Lewis [livro eletrônico]: do ateísmo às terras de Nárnia** / traduzido por Almiro Pissetta. — São Paulo: Mundo Cristão, 2013.
- NESBIT, Edith. **Cinco crianças e um segredo**. 2 ed. Editora 34: Brasil, 2010.
- NESBIT, Edith. **O castelo encantado**. 2 ed. Editora Autêntica: Belo Horizonte, 2019.



RESENDE, K. M. C. **Intertexto ou Hipertexto**: as relações entre bolor e o eterno marido. Revista Desassossego, v. 1, p. 125-136, 2011.

VATICAN NEWS. **Especialista brasileiro em relíquias sagradas faz pesquisa inédita sobre Coroa de Espinhos de Jesus Cristo**. 24 março 2020. Disponível em: <https://www.vaticannews.va/pt/igreja/news/2020-03/coroa-de-espinhos-jesus-especialista_brasileiro-pesquisa.html>.

Recebido: 6 de agosto de 2024

Aceito: 30 de setembro de 2024

Publicado: 17 de novembro de 2024

